

O sabor era frutado, com notas de canela e madeira... talvez ameixas maduras? Bom, o tanino se sobressaía, sem dúvida. Havia um retrogosto forte, persistente... algo que traía o fato de ser um vinho encorpado, embora ainda jovem e carecendo de uma certa estadia em barril de carvalho para atingir todo o seu potencial. Para amadurecer seu bouquet.

Curioso... o vinho por vezes parece com os sentimentos, as ideias e as emoções: precisam de um certo tempo no escuro, amadurecendo, crescendo, tornando-se o que realmente são. Precisam desligar-se do mundo e das coisas do dia a dia para encontrar – ou desenvolver – seu real potencial. Algo que parece ser sobrenatural isso.. um tempo de retiro, um período fora do mundo para rever-se. Para aprender. Para envelhecer. Para amadurecer. Aprimorar-se?

O segundo gole desceu diferente. Ele prestou mais atenção à textura do que ao sabor. O vinho, embora aveludado, tinha algo de rascante. Vinhos novos tendem a ser assim: agressivos, mordentes, inebriantes. Sentiu o beliscão do álcool sobre o dorso da língua enquanto deixava a líquido escorrer até a garganta, embotando-lhe os sentidos. Embotando? Com dois goles de vinho já tinha os sentidos embotados? Desacostumara-se tão rapidamente assim ao consumo que dois goles o deixariam alterado?

Pensou sobre as últimas semanas e percebeu que a única resposta admissível seria um sonoro “sim”. Ou um tímido “sem dúvida”, já que nesse momento uma névoa tênue parecia embotar os seus sentidos. Agora podia nominar esta névoa como alcoólica, mas sabia que ela não aparecera agora, de um momento para outro. Estava ali há vários dias e sequer o incomodava, tão diáfana era sua consistência. Parecia envolvê-lo em algo semelhante a uma cortina, algo que ao mesmo tempo o protegia e isolava do que o cercava. Suspirou, bebendo mais um gole de vinho, que passou por suas papilas gustativas quase com indiferença. Agora não procurava mais fora de si a explicação para a forma como percebia a degustação daquele vinho. Será que havia algo publicado sobre o quanto os sentimentos influenciavam o degustar de um vinho? Imaginava que sim. Afinal, havia tanta coisa escrita sobre os prazeres de um bom vinho, tanto material produzido em enologia, que provavelmente alguém já devia ter voltado a sua atenção para este aspecto da coisa: o quanto o estado de espírito do enólogo interferia na avaliação de um vinho. Enólogo? Ele? Riu-se da ideia. Jamais se consideraria um expert em vinhos. Talvez um mero apreciador, amador. O sorriso morreu em seus lábios. Em que seria um expert?

A resposta emergiu, pronta, definitiva, acabada. Se havia algo em que ele era realmente bom era em fracassos. Voltou a sorrir, os cantos da boca elevando-se ligeira e involuntariamente. Sua mão procurou a taça sobre a mesa e, surpreendido, verificou que a esvaziara. Tornou a enchê-la antes de retomar o curso de seus pensamentos ébrios. A sensação de que era um fracasso continuava ali, embora ao lado desta também ouvisse uma voz baixa dizendo que, provavelmente, ele gostava muito do drama para levar esta conclusão a sério. Por um momento ficou em dúvida: seria sua vida um fracasso retumbante ou teria ele apenas um amor exagerado – bem com uma propensão toda sua e acentuada – ao drama? Sorriu. Desta vez abertamente, sentindo os olhos fecharem-se levemente sob o efeito de um sorriso genuíno. Provavelmente era uma combinação das duas coisas: um cara com tendências dramáticas e, portanto, destinado ao fracasso.

Esvaziou a taça de um gole só: tanto fazia estar bêbado demais para pensar ou não. Agora as coisas estavam alcoolicamente nebulosas em sua mente. E nada parecia importar mais do que o próximo gole. Bebeu. Bebeu. E, eventualmente, a garrafa acabou.